

VALENTIM MAGALHÃES

# LIÇÕES DE PEDAGOGIA

PRIMEIRA PARTE

PSYCHOLOGIA



RIO DE JANEIRO

LAEMMERT & C. — Editores

66, RUA DO OUVIDOR, 66

CASAS FILIAES EM S. PAULO E RECIFE

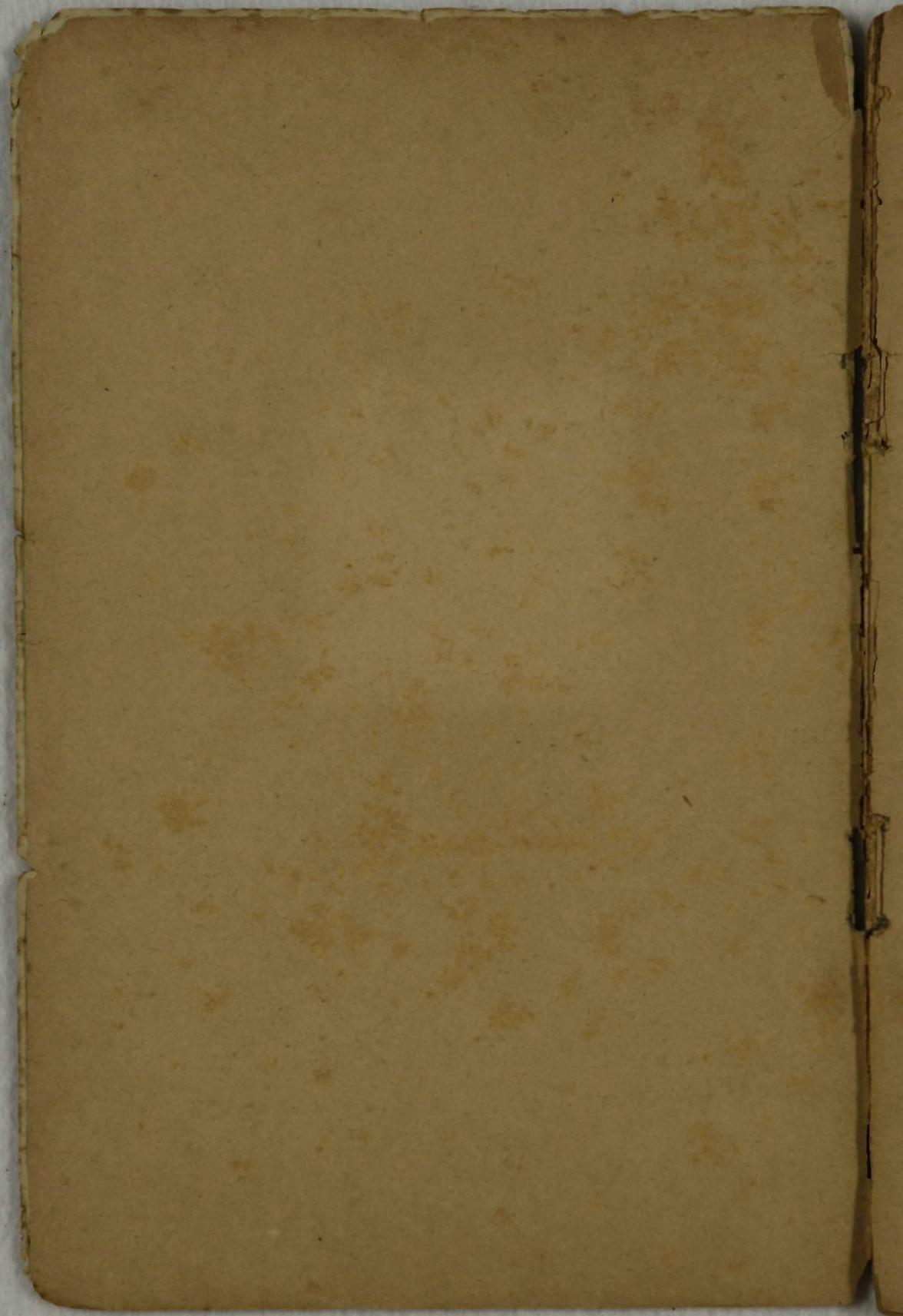
1900

le ne fay rien  
sans  
**Gayeté**

*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
José Mindlin

LIÇÕES DE PEDAGOGIA



VALENTIM MAGALHÃES

# LIÇÕES DE PEDAGOGIA

PRIMEIRA PARTE

PSYCHOLOGIA



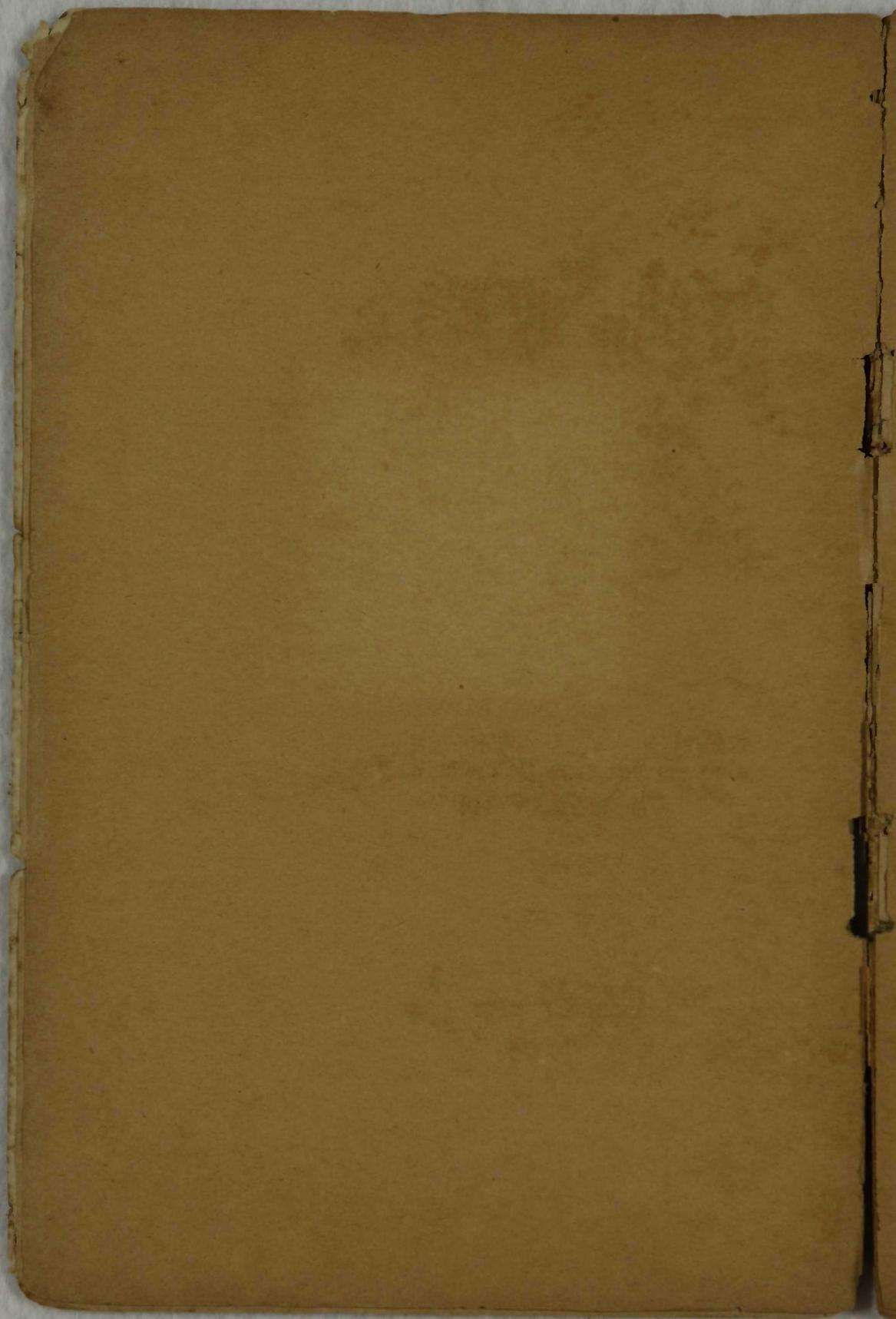
RIO DE JANEIRO

**LAEMMERT & C.**—Editores

66, RUA DO OUVIDOR, 66

CASAS FILIAES EM S. PAULO E RECIFE

1900



## NOTA PRELIMINAR

---

Com o fim de remediar á falta de compendio, — visto que nenhum foi adoptado, por nenhum preencher todas as condições exigidas, — resolvi fazer imprimir as lições dictadas ás alumnas, no decurso do anno de 1899, seguindo, mais ou menos, o programma impresso quanto á disposição e sequencia das materias parciaes. Corregi, para a impressão, apenas ligeiramente aquellas despretenciosas lições, em que não poucas incorrecções de forma e quiçá de fundo devem ter escapado. Para ellas me vali das obras de Compayré, A. Rayot, Laloï e Picavet, etc., Se é certo que não cito sempre como d'elles as ideias que d'elles emprestei, não é menos certo que me não cito a mim proprio como autor das que me pertencem, raras que sejam.

Procurei sempre usar de linguagem correntia, simples e facilmente comprehensivel, e acredito haver conseguido isso o mais das vezes. A's minhas alumnas — um conselho e uma advertencia : estas apostillas não são para serem decoradas *apenas* ; mas para serem comprehendidas e reproduzidas em linguagem diversa, das proprias alumnas, unico meio de mostrar aproveitamento.

V. M.

Março — 1900.

Definição de Psychologia. Noções de « alma » e « espirito » segundo as varias escolas philosophicas. Physiologia e Psychologia.

A *Psychologia* é a sciencia que estuda os factos do espirito, a sciencia da alma ou dos factos animicos. Encontramos ali duas palavras a definir: *alma* e *espirito*.

*Alma* pela origem etymologica significa, em sentido lato, absoluto — sopro, alento; vem do latim *anima*.

Nesse sentido é vulgarmente applicada, como nas seguintes phrases: « F. foi a *alma* da festa. » « F. é a *alma* da casa. » ou, referindo-se a uma pessoa apathica, sem animação, porém agradavel á vista: « F. é bonita, mas não tem *alma*. » Nesses casos *alma* é synonymo de *vida*.

Tambem se emprega como synonymo de centro, foco, a parte principal de um objecto.

No sentido philosophico, porém, que é o que nos interessa, a alma comprehende a parte mais fina, mais subtil, mais nobre do homem, aquella que, definida de modos diversos, tida por uns como immaterial, e por outros, ao contrario, como material, não pode, entretanto, ser negada.

Refiro-me á parte intellectual, á que domina a corporea e a dirige atravez da vida.

Nesse sentido alma e espirito são synonymos. Não é possivel definir alma ou espirito rigorosamente. Para que

bem se comprehenda, entretanto, o que seja é preciso que se saiba distinguir *alma* de *vida*. E' assim que os vegetaes têm vida, mas não têm alma.

Os *animaes* são assim chamados justamente por terem alma; têm alma e vida.

Será, porém, a alma dos chamados irracionaes a mesma do homem, isto é, igual á do homem, ou será diversa?

Ao nosso orgulho repugna admittir que seja igual.

O homem creou para si o privilegio da intelligencia e da razão, proclamou-se o rei da criação, o unico animal nobre, dotado de razão e de sentimento. Durante seculos foi isto um dogma: o desenvolvimento das sciencias, porém, especialmente o da Biologia e da Anthropologia, veio demonstrar que taes idéias eram falsas e que os animaes das escalas inferiores tambem possuem intelligencia e vontade, que a questão é puramente de cultura, de gradação; que, conforme a sua collocação na escala zoologica, elles são mais ou menos intelligentes e mais ou menos capazes de exercer actos volitivos, notando-se que a grandesa physica e as proporções materiaes constituem uma condição de ordem secundaria.

Humboldt, Buffon, Darwin e outros sabios naturalistas, — principalmente o ultimo no seu famoso systema da selecção das especies — demonstraram cabalmente o que acabamos de afirmar. Até então a distincção entre o homem e os outros animaes consistia em que aquelle tinha alma e estes apenas instinctos.

Ora, o que depois se reconheceu foi que o homem tambem possui instinctos e que os animaes inferiores possuem o que no homem se convencionou chamar alma.

Estas expressões *alma* e *espirito* são acceitas e empregadas por philosophos de todas as escolas, mas é preciso saber-se que todos não as empregam na mesma accepção; que esta varia, segundo a escola. Assim, por exemplo, o espiritualista, o materialista, o positivista não dão ás referidas palavras o mesmo valor. Para o primeiro a alma é a

parte opposta á materia, é a parte immaterial, incorporea, impalpavel, imperecível, que sobrevive áquella e que a domina e dirige. Para o materialista a alma significa apenas a vida cerebral, comprehende o funcionamento das cellulas encephalicas, a parte mais subtil e mais delicada do organismo humano. Para o positivista ella significa mais ou menos a mesma cousa, sem a prevenção e a preconcepção, porém, do materialismo; sem affirmar e sem negar systematicamente, tudo fazendo depender da observação e da experiencia.

Nos primeiros tempos da philosophia a alma era considerada o sopro, o alento, o principio vitalisante, a força productora do movimento de impulsão.

Platão acreditava na existencia de duas almas no homem: uma raciocinante e immortal, alojada na cabeça, e a outra irracional, mortal, subdividida em duas, uma das quaes chamada *irascivel*, alojada no peito, e a outra chamada *concupiscente*, alojada no ventre.

Aristoteles, que foi o pae da Philosophia, esse admittia a existencia de tres almas no homem; a saber: a *nutritiva* ou *vegetativa*, a *sensitiva* ou *animal* e a *intellectual* ou *racional*.

Afinal a classificação de Aristoteles pode reduzir-se á de Platão. Se estudarmos quer uma, quer outra, reconheceremos que esses grandes philosophos antigos, tinham intuitivamente previsto a futura classificação espiritualista das faculdades da alma, porque a cada uma d'essas almas corresponde approximadamente uma das faculdades.

Foi Descartes, o chefe da escola espiritualista franceza, quem estabeleceu a noção definitiva de alma, a qual é — « uma substancia distincta do corpo, una, indivisivel, identica a si mesma, immortal, tendo a intelligencia por attributo. »

O espiritualismo, sobretudo o chamado Cartesiano, do nome do seu referido fundador, não é uma escola morta, apesar do desenvolvimento das que se lhe seguiram e, sobretudo, da positivista. Ao contrario, notou-se no ultimo quartel

d'este seculo uma pronunciada tendencia a volver ás theorias espiritualistas. Produzio esse facto o fracasso das escolas novas e sobretudo o reconhecimento da insufficiencia das theorias materialistas e de só o espiritualismo satisfazer as aspirações da intelligencia humana. Esta não pode viver estreitada nos limites das idéias concretas, no ambito da relatividade asphyxiante; exige as idéias absolutas, como o Espaço, o Tempo, o Infinito, e vive na anciedade constante do conhecimento das causas primarias e finaes. A bancarota do materialismo foi completa e definitiva; ella era inevitavel porque esse systema philosophico, propondo-se a explicar o Universo, não o conseguiu com as duas noções unicas de força e materia. Faltava-lhe o elemento indispensavel ao espirito como o ar ao corpo, — o *ideal*, elemento esse que só o espiritualismo fornece.

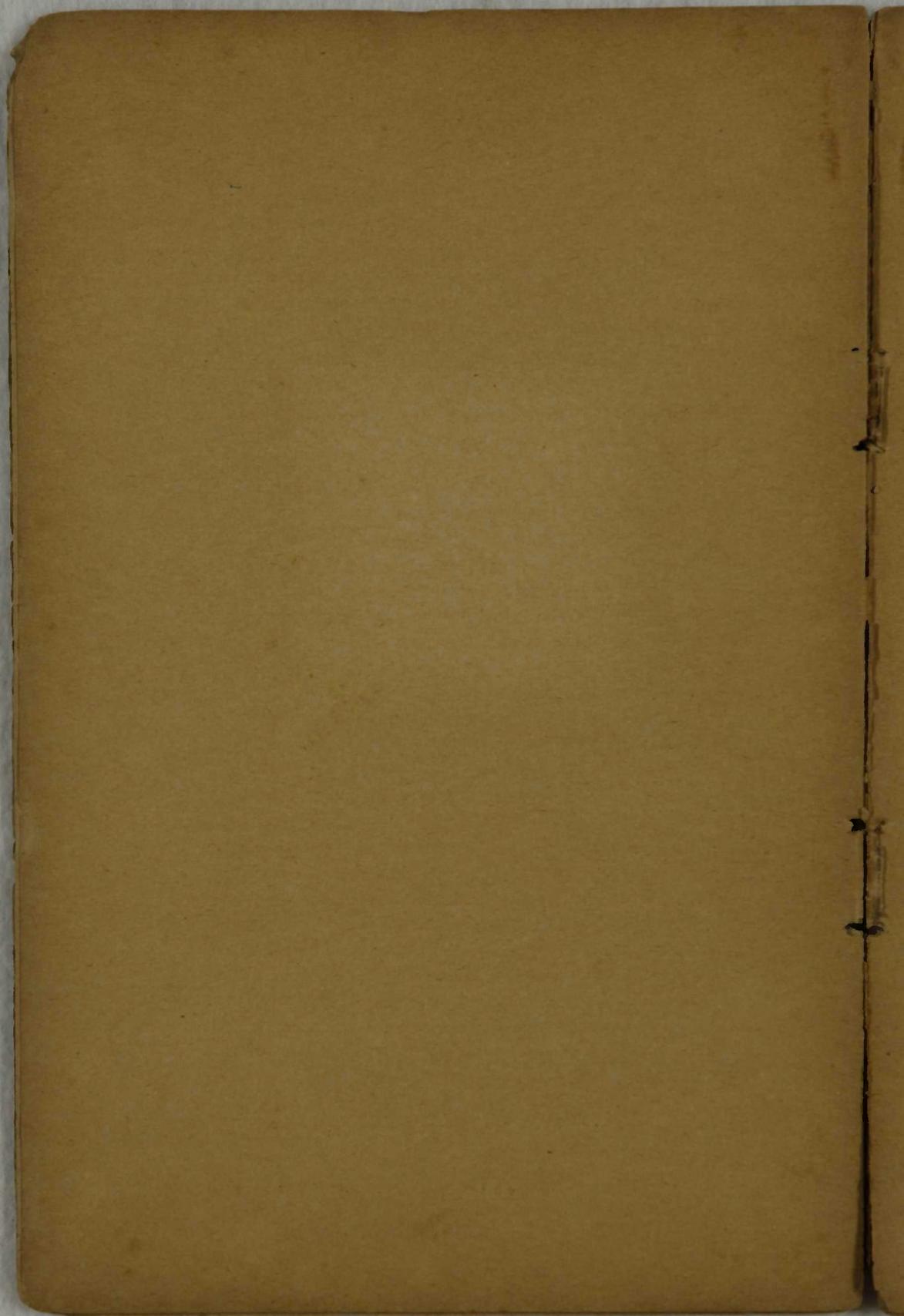
A opposição entre os dois systemas é absoluta e irreductivel. Para um, tudo no homem é materia; o proprio pensamento é uma secreção, uma função cellular, os phenomenos sensitivos, activos e mentaes são productos do systema cerebro-medullar, posto em contacto com o mundo exterior por meio dos nervos. Para o Espiritualismo, porém, o homem é um composto de duas substancias muito distinctas: uma material, inferior, divisivel, complexa e perecivel — *corpo*; a outra immaterial, pura, indivisivel, una e immortal — *alma*.

Os phenomenos relativos áquella (corpo) constituem o dominio da *Physiologia*, e os referentes a esta (alma) os da *Psychologia*. As relações entre uns e outros são intimas e constantes, e é devido á estreiteza dessas relações que a alma e o corpo exercem influencia reciproca.

A philosophia moderna, apezar de sua nobre e elevada tendencia para a concepção espiritualista do Universo, não se serve unicamente do raciocinio como instrumento do trabalho em busca da verdade, mas tambem aproveita os que lhe fornece o Positivismo na observação e na experiencia, isto é — o methodo experimental.

Quero dizer com isso que a Psychologia entrou em phase nova, tendo abandonado os dominios nebulosos do racionalismo indefinido, para tomar por base a observação directa dos phenomenos psychologicos, o conjuncto dos factos anteriores quando procura estabelecer o seu determinismo por meio da experimentação.

De accordo com essas noções a palavra *alma* ou *espirito* representa o conjuncto dos phenomenos psychologicos, o conjuncto dos factos interiores, das faculdades humanas, e significa o opposto aos phenomenos physiologicos.



Divisão e classificação dos phenomenos  
psychologicos.

Innumeros e variadissimos, só podem ser classificados em grandes agrupamentos, que obedeçam á filiação ou similitude d'esses phenomenos entre si; e a classificação mais geralmente adoptada é a que se baseia sobre a classificação das faculdades da alma, correspondendo assim cada grupo de phenomenos a cada faculdade.

*Faculdade* é um poder que supomos existir nos seres animados para explicar a producção dos factos psychologicos. Segundo o indicado criterio, os factos psychologicos se dividem em: 1º, *mentaes*, intellectuaes ou intellectivos; 2º, *sensitivos* ou *affectivos*; 3º, *activos* ou *volitivos*.

Os pedagogistas Laloí e Picavet accrescentam a essa classificação uma quarta serie de phenomenos, que elles chamam *linguisticos* ou de linguagem, no que, porém, não são acompanhados por outros pedagogistas.

A classificação adoptada pelo programma da cadeira é a seguinte: — « Actividade, Sensibilidade e Intelligencia », e será nessa ordem que estudaremos os phenomenos psychologicos. Antes de o fazermos vamos exemplificar ligeiramente.

1.º Phenomenos da Actividade: — Andar, sentar-se, erguer-se, mover um braço ou uma perna, agitar as mãos

executar enfim, qualquer movimento corporal, ir a um determinado lugar, escolher um livro, uma flor, um objecto qualquer, executar qualquer acto ou suspender a sua execução.

Todos esses actos e milhares de outros que fôra impossível enumerar, são phenomenos da actividade, quer physica, quer moral.

2.º Phenomenos da Sensibilidade:— A fome, a séde, o frio, o calor, o prazer, a dôr, o medo, a alegria. Tudo o que produz prazer e desprazer são phenomenos da Sensibilidade, quer physica, quer moral.

3.º Phenomenos da Intelligencia:— Appreender as côres, as fôrmas, as dimensões, a posição dos objectos tangiveis ou intangiveis, naturaes ou artificiaes; comparal-os, distinguil-os, reflectir nas causas e nos efeitos de tudo que nos cerca, são phenomenos intellectuaes ou do Entendimento.

Esses factos, tão differentes na fôrma como na essencia, são perfeitamente distinctos e independentes uns dos outros, comquanto se executem simultaneamente.

Exemplo.—Uma alumna nesta aula, ao mesmo tempo, executa os seguintes actos: ouve o professor, distingue as palavras que elle pronuncia, comprehende mais ou menos o sentido, ouve o ruido dos carros na rua, ouve a voz da inspectora no corredor, maneja a penna ou o lapis tomando os apontamentos da lição, vê os objectos de que se serve para isso e todos os mais que a cercam, sente o cheiro dominante do ambiente, sente o contacto das roupas e qualquer sensação produzida sobre o seu corpo, etc.

Todos esses factos, tão diversos de natureza e de efeitos, exercem-se, entretanto, ao mesmo tempo, numa complexidade admiravel. Sômente para melhor comprehendel-os e estudal-os é que os separamos, agrupamos e classificamos. Assim, pois, as faculdades da alma são muitas; porém, para facilidade do estudo as dividimos em tres: *Actividade, Sensibilidade e Intelligencia*, cada uma das quaes

comprehende, como havemos de vêr, muitas outras, a que chamaremos sub-faculdades.

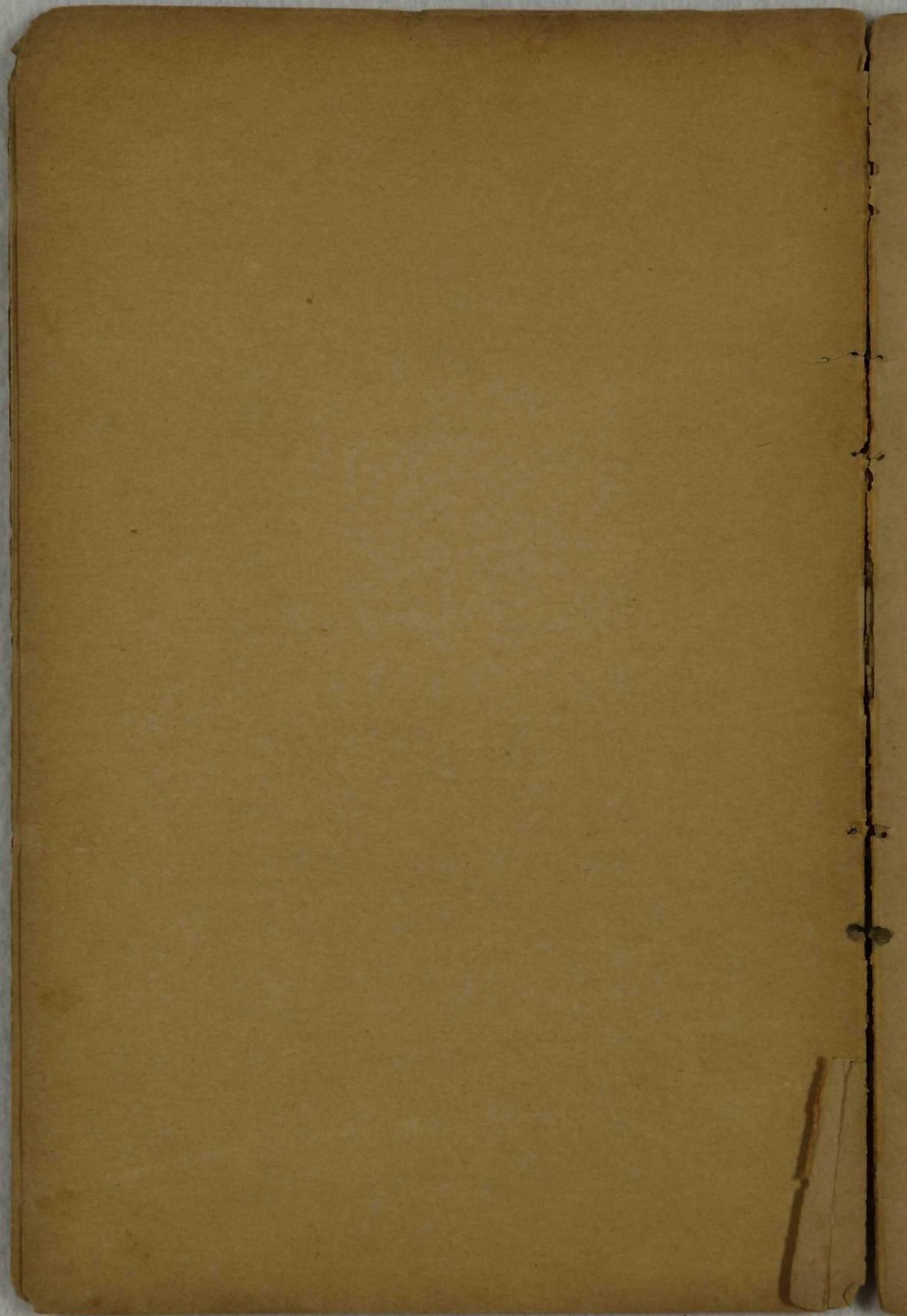
Faculdade é, como já vimos, um poder ou capacidade. Ellas variam infinitamente de força e intensidade nos homens segundo condições multiplas, como sejam: a raça, o clima, os costumes, e no mesmo homem segundo a idade, o estado physiologico, a condição social, o meio physico e outras muitas condições. Quer isto dizer que todos os homens não pensam, não sentem e não agem uniformemente.

O desenvolvimento das faculdades da alma acompanha o das forças organicas ou do corpo. Tanto um como outro, porém, dependem de condições fundamentaes diversas, dentre as quaes sobrelevam a educação e a instrução.

O desenvolvimento das aptidões psychologicas é gradual, harmonico, progressivo e simultaneo, comquanto algumas faculdades despertem antes das outras, e se desenvolvam mais rapidamente. E' principalmente com a actividade que tal facto se observa: são os phenomenos activos, os da vontade instinctiva que primeiro se manifestam na criança.

Logo em seguida apparecem os da Sensibilidade, e por ultimo os da Intelligencia.

E' bom notar mais uma vez que essa ordem de successão não é rigorosa e apenas é determinada pela maior ou menor intensidade de força expansiva dos phenomenos.



### III

#### Phenomenos da Actividade. Instincto e Vontade.

Estudemos os phenomenos que se referem á Actividade. Affectam duas fórmas: a instinctiva ou espontanea e a reflectida ou consciente. Essas duas fórmas podem exprimir-se por duas palavras: *instincto* e *vontade*.

Vejamos a primeira.—A manifestação principal d'essa especie de actividade é o movimento. Movimento e actividade são duas noções que se completam.

Os movimentos são tambem actos da actividade consciente, mas, tratando d'elles agora, só nos referimos aos da actividade espontanea e esses, como taes, são puramente reflexos, instinctivos.

O instincto é uma força vital mal definida ainda, mas innegavel; ella reside no fundo de todos os organismos animaes e é a fonte de todos os movimentos, de todos os actos de que depende a conservação da especie.

E' graças a essa força poderosa que a vida organica, o equilibrio physiologico se mantem e se prolongam através do tempo e do espaço. E' pelo instincto,—força propulsiva, cega e insuperavel, na maioria dos casos,—que os seres vivos, racionaes e irracionaes, se nutrem, subsistem e se reproduzem. O instincto é uma força que nos proprios

vegetaes apparece e pode ser observada, porque elles, como os animaes, se alimentam, buscam conservar-se e se reproduzem. Assim é que vemos as plantas mais fracas procurar nas mais fortes a seiva de que precisam, vivendo da vida d'ellas; e as vemos ainda buscando anciosamente o calor, a luz, a humidade, de que carecem, rompendo as peias, os obstaculos que lhes são impostos, e preenchendo as funcções de que depende a sua reproducção.

O vocabulo «instincto» pode ser empregado tambem no plural, porque na realidade elle é multiplo; o movimento é um instincto, a alimentação é outro, o amor é outro, a defesa da integridade physica e a guarda da vida são outros. Como, porém, todos esses instinctos se resumem em um só, que é o da *conservação*, é a esse que se faz referencia quando se emprega a palavra no singular. Aquelle é o instincto fundamental, de que decorrem todos os demais. Os instinctos são, em cada especie, da mesma natureza e exercem-se uniformemente em todos os individuos da mesma especie. Todos os lobos são ferozes e carnivoros; todos os cordeiros mansos e inoffensivos.

O instincto, é, portanto, como vimos, uma força cega que reveste o caracter de indefectibilidade que determina as leis scientificas; mas, apezar disso, é até certo ponto susceptivel de aperfeiçoamento e direcção, de educação, emfim. E se assim não fosse, a civilisação seria impossivel e o estado selvagem seria permanente e universal.

O instincto é evolutivo, isto é, desenvolve-se progressivamente, acompanhando o desenvolvimento organico do respectivo animal, e por isso a acção modificadora a que acabamos de referir-nos só poderá exercer-se proveitosamente quando fôr opportuna e acompanhar a marcha evolutiva do instincto.

Os instinctos humanos são geralmente classificados em bons e maus. Bons — os que impulsionam o homem para o *Bem*, isto é, para o que convém ao preenchimento do

seu destino ; maus, — os que o levam para o *Mal*, isto é, para o que não convém ao preenchimento do seu destino.

Essa classificação não prima pelo seu rigor scientifico; nem por isso, comtudo, ella deixa de corresponder á realidade. E não tem rigor scientifico, porque a Natureza não conhece o bem nem o mal, e, nesse sentido, pode ser considerada immoral; observados, porém, nos seus effeitos, é innegavel que ha instinctos beneficos e instinctos nocivos. Ora, a obra da educação é justamente desenvolver os bons instinctos e atrophiar os máus.

Quanto á actividade consciente, reflectida ou *vontade*, estudal-a-emos mais tarde, visto como ha um ponto do programma consagrado a tal estudo.

Por enquanto apenas nos occupamos da actividade physica, e ao que dissemos accrescentaremos o seguinte.

A actividade physica manifesta-se por movimentos, instinctos e habitos, sendo os primeiros o resultado dos segundos e terceiros.

O habito é um poderoso modificador da actividade tanto physica como moral, e tão forte que se reconheceu como verdade quasi indiscutivel ser o habito uma segunda natureza. Habitos são actos de qualquer especie praticados continuada e uniformemente. E' da continuidade e da uniformidade que resultam os habitos. O corpo e o espirito acostumam-se a determinados actos, de modo que no fim de certo tempo já os não podem dispensar, porque elles se apoderaram da vontade e, por bem dizer, constituiram um appendice da propria natureza.

Assim é que quando se adquire um habito, bom ou mau, exerce-se o mesmo irresistivelmente, sem reflexão, e se acontece por acaso imporem as circumstancias a interrupção, a suspensão d'esse acto, sobrevem ao individuo um verdadeiro disequilibrio, um mal estar que pôde assumir proporções funestas.

Os habitos nocivos são vicios, os beneficos virtudes.

Exemplos dos primeiros.— Vícios de natureza physica: — o alcool, o fumo, o andar desaprumando o corpo, os trejeitos e visagens, o falar demasiado depressa ou de vagar, alterando a dicção, o excessivo repouso ou a actividade excessiva.— Vícios de natureza moral: a mentira, a curiosidade excessiva que degenera em indiscreção, bisbilhotice ou intriga; a hypocrisia, a maledicencia, a desconfiança, a descrença, etc.

Exemplos dos segundos.— Habitos beneficos de natureza physica e moral:— os contrarios aos que acima mencionamos e mais a modestia, a simplicidade, a beneficencia, a cortezia, a amabilidade, etc.

Deve haver o maior escrupulo da parte do educador em arraigar os habitos bons e evitar os maus, porque d'elles depende a direcção e o aproveitamento da vontade. O homem acostuma-se tanto ao bem como ao mal, e, uma vez adquirida esta força impulsiva, quasi indomavel, tanto merito ha para os que têm bons habitos como demerito para os que têm maus.— Ha pessoas que se acostumam a dar esmolas; ha outras que se acostumam a apoderar-se do alheio.

Ao fim de certo tempo umas e outras praticam esses actos movidas por uma força superior á sua vontade, como se elles fossem puramente instinctivos.

Tem, pois, o habito uma importancia capital na educação, por ser a habitualidade uma força que, como todas as outras da natureza physica, — a agua, o fogo, o vento, — aproveitada para o bem produz verdadeiros prodigios, mas desviada para o mal póde ser causa de irreparaveis calamidades.

Infelizmente tanto os paes como os mestres não ligam a essas verdades a devida importancia; por indolencia mental ou por ignorancia, consentem que as crianças adquiram habitos prejudiciaes quer physicos, quer moraes, e que mais tarde vão embaraçar enormemente a acção educativa de uns e de outros. Esquecem-se de que a criança

é uma argamassa molle, malleavel como o cimento, mas que, como elle, endurece e guarda a fôrma, as depressões, os vincos que se lhe imprimem.

Todos os psychologistas affirmam que as primeiras impressões são as que perduram, que é na infancia que o ensino mais aproveita, que as crianças são verdadeiras chapas photographicas sensibilizadas, que recebem, que guardam indelevelmente as imagens que nellas se reflectem. De tudo isso se conclue que o habito é um grande elemento da educação, merecedor da maxima attenção e do mais esmerado cultivo.

Resta dizer ainda que os habitos se adquirem na satisfação dos instinctos, e que, uma vez adquiridos, podem modificar aquelles bem ou mal. O educador, portanto, deve ligar a maior attenção e apreço a uns e a outros.



#### IV

### Sensibilidade.

O homem é um sêr activo, agindo sob a influencia de instinctos e habitos. Elle por seu turno em grande parte os domina, modifica e dirige com o exercicio da vontade.

A actividade, quer physica, quer moral, nos movimentos que apresenta reflecte-se sobre o homem, fazendo-o experimentar prazer ou desprazer, fazendo-o *sentir*.

O homem é, pois, um ente sensível, dotado de sensibilidade. E' essa faculdade que o põe em contacto com o mundo externo, que relaciona a sua vida com a do Universo, cuja acção, multipla e variadissima, elle constantemente recebe. Essa faculdade, considerada em relação ao mundo physico, não é privativa do homem, estende-se a todos os animaes.

E' difficil definir precisamente o que seja sentir, sem dar como definição a propria cousa definida.

Os seres pertencentes ao mundo mineral sentirão? Sentem os pertencentes ao mundo vegetal? A resposta á primeira pergunta é mais facil que á segunda, porque, sendo innegavel a vida das plantas, tão semelhante á vida animal: germinando, crescendo, dando flor e fructo, envelhecendo, morrendo e apresentando até, como já vimos, signaes do

instincto de conservação, — parece que ellas são dotadas de sensibilidade. O que embaraça o estudo d'essa questão é que não podemos separar a noção de sensibilidade da de consciencia, e tanto isso é verdade que não se consideram sensíveis os entes humanos profundamente anesthesiados, os que estão sob a acção do somno hýpnotico, cataleptico ou somnambulico, e o mais admiravel exemplo d'essa insensibilidade de seres humanos vivos é a dos fakires da India.

Assim, sempre que empregarmos a palavra sensibilidade é para nos referirmos á dos seres conscientes.

O que distingue o homem dos outros animaes é a razão; não a simples intelligencia, porque essa tambem existe nelles; é a razão completa, com todas as suas faculdades; dahi ser o homem dotado de consciencia, ser um ente moral, ao envez dos outros animaes. D'essa verdade resulta que para estes só ha uma especie de sensibilidade — a physica, e para aquelle existe além d'essa uma outra, — a sensibilidade moral.

Essas duas especies de sensibilidade não se exercem com uma independencia mutua, isto é: actuam uma sobre a outra mais ou menos intensamente.

Os phenomenos da sensibilidade physica chamam-se *sensações*, os da sensibilidade moral *sentimentos*, e uns e outros, indifferentemente, *emoções*.

As sensações são agradaveis ou desagradaveis.

Agradaveis são todas aquellas que se harmonisam com o estado physiologico do individuo, conformando-se com as leis que regem o organismo humano; desagradaveis são aquellas que escapam a tal harmonia e a tal conformidade.

A sensibilidade divide-se, pois, em *physica* e *moral*, chamando-se os respectivos phenomenos — *sensações* e *sentimentos*. As *sensações* exercem-se pelos sentidos, que são seus órgãos, e dividem-se em internas ou subjectivas e externas ou objectivas.

Todas as funcções organicas de que dependem a vida e a continuidade da especie, são acompanhadas de prazer,

produzem sensações agradáveis. A privação ou interrupção d'essas funções produz, ao contrario, sensações desagradáveis. E' realmente maravilhosa a providencia da Natureza, fazendo attrahentes e deleitosos todos os actos instinctivos que constituem essa força fundamental e suprema que se pôde chamar — senso vital, — sentido que reúne todos os outros. Pôde-se dizer em these geral que a conformidade dos actos humanos com as leis naturaes produz *prazer*, e *desprazer* a não conformidade.

O prazer e a dôr chamam-se emoções e reagem mutuamente limitando-se e modificando-se, sendo que a intensidade de ambas está na razão inversa da sua duração, isto é, quanto mais fortes, mais rapidas e vice-versa.

Todos os factos relativos á sensibilidade chamam-se *sensitivos*, como se chamam *intellectivos* os referentes á intelligencia. A differença entre uns e outros consiste em que todos os factos intellectuaes se traduzem em idéias, ao passo que os sensitivos se traduzem em sensações *primitivamente*, só se transformando em intellectivos posteriormente.

Um grande philosopho, Condillac, affirmava, — e essa affirmacão era a base da sua escola, — que nada pôde existir no entendimento que primeiro não haja existido nos sentidos, isto é, — que toda idéia foi primitivamente sensacão.

Realmente, sendo o cerebro a séde do systema nervoso, a officina por bem dizer em que tudo que actúa sobre os nossos nervos se registra, se modifica, se completa, e não podendo haver vida consciente sem o aparelho cerebral, — toda sensacão, todo sentimento ha de reduzir-se a idéias. Na vida inconsciente, durante o somno normal ou anormal, embora reaes, são as sensações, agradáveis ou desagradáveis, inconscientes, como não existentes, porque o cerebro não as transforma em idéias.

O principio estabelecido por Condillac é aceitavel, é verdadeiro, mas não tem o character absoluto que elle lhe imprimio. Existem innegavelmente algumas idéias abstractas,

embora poucas, as quaes Descartes e outros espiritalistas chamaram innatas, (isto é: congenitas, nascidas com o homem) que escapam áquella regra, como, por exemplo, os do Creador do Universo, que não é outra senão a de causalidade (não ha effeito sem causa), de Tempo, Espaço, Infinito, etc. Taes idéias são inherentes á intelligencia humana e não adquiridas no seu exercicio, — na opinião dos alludidos philosophos.

Essas questões philosophicas, muito interessantes e que originaram grandes controversias, só nos podem interessar accidentalmente; por isso proseguiremos, deixando-as de parte.

As manifestações da sensibilidade physica são, como vimos, as sensações ou «emoções physicas»; podem ser agradaveis ou desagradaveis, e chamam-se prazer e dor, divisão essa que tambem se applica aos sentimentos, — «emoções da sensibilidade moral».

As sensações, apraziveis ou displicentes, reagem umas sobre as outras, representando essas reacções movimentos instinctivos do organismo, tendentes á sua conservação, visto que um prazer excessivo e demasiado duradouro produziria um mal tão grande como uma dor nas mesmas condições.

A dor é tão difficil de definir em Physiologia como na Physica o calor. Ella representa sempre um desvio da vida physiologica, é o alarma que o organismo dá ao homem para prevenil-o de que um perigo o ameaça, de que a sua vida corre um risco.

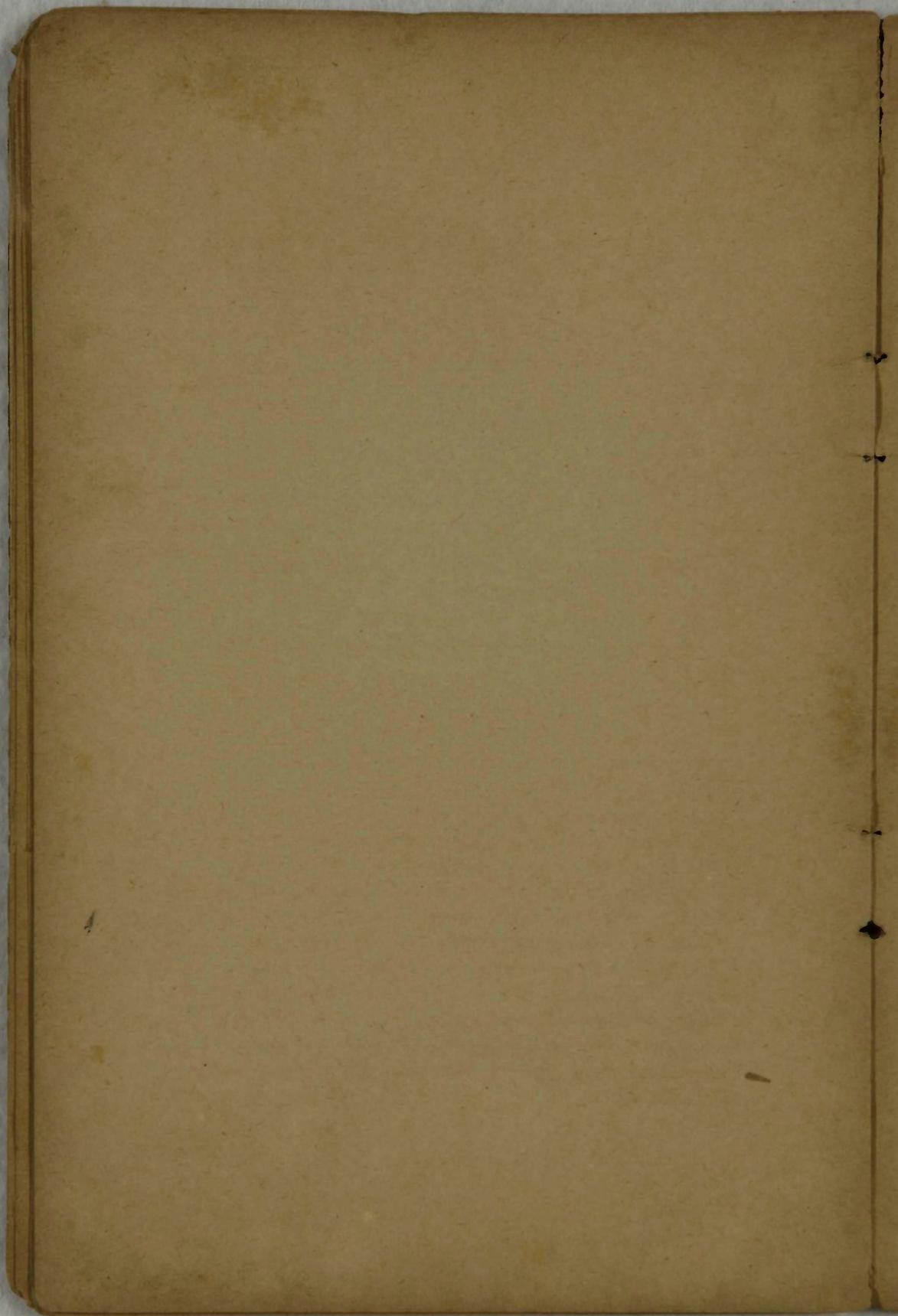
Effectivamente uma pessoa perfeitamente sã, sem a influencia de qualquer accidente material, não póde sentir a sensação incommoda, desagradavel, irritante, que se chama dor.

A dor é a sancção das leis physicas; sempre que uma d'ellas é transgredida o transgressor experimenta a sensação contraria ao bem estar. A physiologia da dor fornece um estudo interessantissimo; a sua localisação é um phenomeno curioso, porque na verdade o homem sente a dor no

cerebro, que é o centro de todo o apparelho nervoso, e no emtanto julga sentir-a na parte do corpo affectada por ella ; e a contra-prova d'essa verdade é que um individuo amputado de uma perna, um braço, um pé ou mão, em que antes da operação sentia dores fortes, continúa a sentir-as depois d'ella por alguns momentos no membro desagregado do seu corpo.

A sensibilidade, tanto physica como moral, não é a mesma na criança e no adulto. E' naquella embryonaria, apenas nascente, confusa, incompleta, sobretudo a moral ; á proporção que a criança chega á adolescencia e por fim attinge a idade do completo discernimento vae a sensibilidade se desenvolvendo tanto pela expansão organica, como pela educação e experiencia da vida, até attingir o maximo da sua força. A sensibilidade tambem não é a mesma entre adultos, pois varia muitissimo de uns para outros, tanto em intensidade como em modalidades, devido ás differenças de temperamento, ao atavismo physico e moral, ao meio, ás circumstancias eventuaes, etc.

Quando tratarmos da percepção externa estudaremos os sentidos, que constituem o apparelho transmissor das sensações.



## Classificação dos sentimentos.

Vamos tratar agora dos sentimentos ou factos affectivos. Classificam-se em quatro grupos :

- 1.º As inclinações ou tendencias primitivas.
- 2.º As emoções que derivam da satisfação das inclinações.
- 3.º As affeições.
- 4.º As paixões.

### 1.º GRUPO — INCLINAÇÕES

Classificam-se em : *pessoaes*, *sociaes* e *superiores* ou *sympathicas*.

As *pessoaes* são as que têm por objecto a propria pessoa ; as *sociaes* as que se referem aos nossos semelhantes ; e as *superiores* ou *sympathicas* as que têm por objecto a Verdade, o Bello, o Bem, a perfeição suprema. As *pessoaes* comprehendem :— 1.º Os appetites : a fome, a sede, as necessidades de somno e movimento, todas emfim relativas ao corpo e que se podem chamar instinctivas ; 2.º as relativas á alma : o amor proprio, o pendor para conservar as qualidades moraes e intellectuaes como a curiosidade, a ambição, a dignidade, a emulação, etc. ; 3.º as *mixtas*, que são relativas ao corpo e á alma, como o amor da vida, da propriedade, do bem estar, da abastança, etc.

As *sociaes* comprehendem: 1.º As *electivas* ou de escolha, como o amor, a amizade, etc., 2.º as *familiaes*, que tem por objecto a familia: amor de esposo, de pae, de irmão, de filho; 3.º as *patrioticas*, as que têm por objecto ou alvo a patria; 4.º as *altruistas*, que nos levam para os outros homens sem distincção de raça ou nacionalidade, como: o amor dos nossos semelhantes, da humanidade em geral.

As *superiores* comprehendem: 1.º O amor da Verdade, que gera a sciencia; 2.º o amor do Bello, que gera a arte; 3.º o amor do Bem, que dá origem á moral; 4.º o amor do Ente Supremo ou inclinação religiosa, que produz as diversas crenças theogonicas e as religiões.

#### 2.º GRUPO. — EMOÇÕES

As emoções derivam-se, como já dissemos, da satisfação das inclinações, e são agradaveis ou dolorosas, alegres ou tristes.

#### 3.º GRUPO. — AFFEIÇÕES

As affeições não são verdadeiramente mais que inclinações sociaes e sympathicas, accentuadas e methodizadas por effeito da consciencia, do habito, do tempo, etc.

#### 4.º GRUPO. — PAIXÕES

São affeições exageradas ou pervertidas. O character essencial da paixão é ser absorvente, concentrando num só objecto toda a força affectiva, abstrahindo de tudo o mais que existe. Em rigor a amizade é uma affeição, o amor uma paixão,—mas o amor baseado sobre a attracção dos sexos, não o relativo ás relações familiaes, porque esse é apenas affeição; é a amizade e só impropriamente é chamado amor. Este nome só se deve dar á affeição violenta, excessiva, muitas vezes insensata, que póde ter por objecto pessoas ou cousas, entes physicos, moraes ou puramente mentaes. Assim o amor sexual, o do ouro ou da riqueza, o da sciencia, o da humanidade, etc.

A Intelligencia. Definição. — Classificação das  
faculdades intellectuaes.

Etymologicamente, provindo essa palavra do verbo latino *intelligere*, significa exclusivamente a faculdade de *entender*; é portanto a faculdade do conhecimento e da comprehensão. Considerada como sendo o principio explicativo dos factos pelos quaes apprehendemos quer um objecto, quer as suas relações com outros, a intelligencia pôde ser definida como sendo «a faculdade de pensar». Sendo o conhecimento a «representação subjectiva de um objecto qualquer» e sendo a comprehensão «descobrir as relações entre os objectos», pode dizer-se que a intelligencia é a «faculdade de conhecer e comprehender».

Os phenomenos intellectuaes relacionam-se intimamente com os sensitivos e activos, porque, como já vimos, nenhum factio da sensibilidade deixa de ser acompanhado por um da intelligencia. Do mesmo modo a vontade suppõe sempre um factio intellectual. Apenas a analyse psychologica os distingue e separa, como a analyse chimica separa em um corpo composto os elementos simples.

Geralmente as palavras *intelligencia* e *entendimento* são tidas como synonymas; mas na realidade não o devem ser, porque a primeira abrange, além das idéias, os pensamentos,

as operações sensitivas, — percepção, memoria e imaginação, — ao passo que o entendimento designa apenas as operações intellectuaes, — juízo, raciocínio, generalisação e abstracção.

A intelligencia desenvolve-se lenta e progressivamente, subindo das idéias concretas para as abstractas, das particulares para as geraes. Ella não deve ser considerada sómente como um vaso que pouco a pouco se enche com os conhecimentos vertidos diariamente pelos sentidos e pela consciencia; ella tem uma força e energia proprias, é portadora dos principios ou idéias chamadas innatas e que não são mais que a propria razão.

DIVISÃO DOS FACTOS INTELLECTUAES. — Sendo innumerous e variadissimos, muito difficil se torna dividil-os e classifical-os.

Fal-o-emos, comtudo, de accordo com alguns pedagogistas modernos pelo modo que se segue.

As faculdades componentes da intelligencia formam tres grupos :

- I. Faculdades de aquisição.
- II. Faculdades de conservação.
- III. Faculdades de elaboração e combinação.

Alguns autores accrescentam a esse quadro as faculdades de reproducção e associação.

*I. Grupo.* — As faculdades de aquisição são chamadas tambem *intuitivas*, de percepção immediata, e são: a *percepção externa*, que faz conhecer o mundo exterior, e a *interna* ou *consciencia*, que faz conhecer o mundo interior ou o *eu*.

Rayot accrescenta ainda a *razão*, que faz conhecer os principios que explicam os factos constitutivos da sciencia, mas Compayré a exclue, allegando que a razão não é uma funcção intellectual particular e sim a propria intelligencia em sua constituição nativa, em seus principios innatos.

*II. Grupo.* — As faculdades de conservação são estas: *memoria*, *associação* e *imaginação*.

*III. Grupo.* — As faculdades de elaboração ou combinação são as seguintes: a *imaginação creadora*, a *abstracção*, a *generalisação* e o *raciocínio*, segundo Compayré. Podemos, entretanto, acrescentar a essas as seguintes: *atenção*, *comparação*, *juizo*, *inducção*, *deducção* e *analogia*, comquanto as tres ultimas apenas sejam em rigor desdobramentos do raciocinio.

Vamos agora estudar cada uma d'essas faculdades.



## Faculdades acquisitivas

PERCEPÇÃO EXTERNA.—E' a funcção intellectual que nos transmite o conhecimento immediato das qualidades do mundo exterior, tendo por instrumentos os orgãos dos sentidos, localizados em varias partes do corpo. O apparelho receptor por elles formado funciona por meio do systema nervoso, medulla espinhal e encephalo. São cinco os nossos sentidos: *olfacto*, *paladar*, *ouvido*, *vista* e *tacto*. Alguns philosophos, principalmente os inglezes, accrescentam mais dois, que são: o *sentido muscular* e o *sentido vital* ou organico geral, comprehendendo aquelle o conjuncto de sensações particulares que experimentamos com o exercicio livre dos musculos, e produzindo as sensações do movimento e da resistencia, distinctas das sensações tactis;—e este, isto é: o vital, o que transmite a sensação geral de bem ou mal estar organico. Compayré repelle porém, por indeterminados, esses dois sentidos, cuja inclusão julga ociosa.

*Olfacto e paladar*.—As percepções especiaes d'esses dois sentidos são o cheiro e o gosto. São dois sentidos inferiores, que produzem mais sensações que percepções, mais prazeres que idéias, comquanto sejam qualidades distinctas da materia o cheiro e o gosto. Esses dois sentidos têm uma grande

affinidade, havendo frequentes confusões em suas funcções, mas são distinctos.

*Ouvido.* — A percepção especial d'esse sentido é o som com suas differentes qualidades. Os differentes caracteres do som podem ser classificados desta fórma :

- 1.º A *qualidade* : som aspero ou suave.
- 2.º A *intensidade* : som forte ou fraco.
- 3.º O *volume*, que depende da extensão da massa sonora.
- 4.º A *altura* ou *tonalidade* : som agudo ou grave, o que depende da differença das vozes ou dos instrumentos.

O ouvido é um sentido *musical*, porque, graças á percepção das differentes alturas dos sons, nos faz sensiveis ao encanto da musica; e é um sentido *social*, porque, fazendo-nos perceber a linguagem, nos faz entreter relações com os nossos semelhantes.

O ouvido é o mais complexo dos sentidos, porque nos transmite percepções multiplas a um só tempo.

*Vista.* — A percepção visual, a percepção propria e natural da vista é a cor. Sendo a cor quasi um attributo da extensão, esta, pelo menos quanto ás duas primeiras dimensões — comprimento e largura — é tambem objecto immediato das percepções da vista. Pelas differenças da cor a vista adquire a fórma dos objectos; não póde porém apprehender a terceira dimensão dos corpos — profundidade — e portanto a distancia dos objectos.

Isto tem sido provado pela observação das crianças e por experiencias feitas com crianças e individuos operados de catarata ou cegueira temporaria. A percepção de distancia e profundidade é portanto uma percepção adquirida da vista.

*Tacto.* — As percepções tactis são mui numerosas. E entre outras, notaremos as de aspereza e polimento, de calor e frio, de resistencia e solidez. E' o sentido da exterioridade e tem de particular que existindo espalhado por toda a superficie do corpo não póde ser nunca completamente abolido. Ha cegos, surdos-mudos de nascença ou

por accidente, mas não ha creatura viva privada de tacto. Ha um exemplo classico citado por Compayré. E' o da americana Laura Bridgmen, que era cega e surda-muda de nascença e que entretanto cozia, bordava, distinguia as cores dos fios de lã e seda que empregava, fazia versos, tornando-se emfim por uma maravilhosa educação do tacto, uma pessoa intelligente, instruida e relativamente feliz.

PERCEPÇÃO INTERNA.— A percepção do mundo interno chama-se *consciencia* e é a fórma geral dos factos intellectuaes. Tem essa palavra duas accepções distinctas : uma no sentido commum, com uma significação exclusivamente moral, e como tal se emprega nas phrases : « uma boa consciencia, uma ruim consciencia ». No mesmo sentido é empregada em Philosophia, por ser a consciencia para os moralistas o conjuncto dos sentimentos e dos juizos relativos á moral.

Em Psychologia diversa é, porém, a accepção da palavra consciencia, pois é o conhecimento subjectivo, ou mais claramente : o conhecimento immediato, que temos dos factos que se realizam em nossa sensibilidade, intelligencia e vontade.

Os phenomenos da consciencia, como os da Psychologia em geral, não são absolutos, invariaveis; mas, ao contrario, muito relativos e variaveis, formando uma escala immensa.

Rabier, nas suas lições de Philosophia diz que a consciencia pôde decrescer infinitamente sem deixar de existir e que existem no mundo d'alma atomos de consciencia como existem atomos de materia no mundo externo. Compayré encontra uma comparação feliz para explicar a consciencia, dizendo que ella é para o espirito o que a luz é para a chamma : quanto mais se accelera a combustão tanto mais intensa é a chamma, mais brilhante é a luz.

Quer isso dizer que á proporção que as faculdades psychologicas se desenvolvem, a consciencia se torna mais clara e mais forte.

A consciencia póde ser classificada em *espontanea* e *reflectida*. Aquella é commum a homens e animaes e os faz perceber os phenomenos no proprio momento em que se produzem, sem comtudo os explicar; é, por bem dizer, o conhecimento instinctivo dos factos sensitivos, intellectuaes e activos. A consciencia reflectida exerce-se por meio da vontade e quasi se confunde com a attenção, que é a intelligencia disciplinada pela vontade.

A consciencia reflectida só existe por completo no homem adulto e civilisado. E' embryonaria na criança e no selvagem. E' ella que nos dá a idéia do *eu*, (a personalidade), e a de substancia, unidade, identidade, causa e fim. A idéia de substancia, diz Rabier, deriva-se da do *eu* e o mesmo póde dizer-se das outras que citámos.

A consciencia reflectida é portanto um producto da applicação da attenção ao mundo subjectivo, e por isso mais ou menos completa e profunda segundo o grau da attenção.

As questões relativas á consciencia e inconsciencia, á responsabilidade e irresponsabilidade humana têm sido debatidas ha seculos por innumerous philosophos sem que se tenha chegado a um resultado positivo e o seu estudo ultrapassa os limites d'estas noções.

RAZÃO. — Este vocabulo é empregado em varias accepções. Algumas vezes apenas significa o estado de sanidade do espirito, em opposição á loucura, e nesse sentido é empregado nas seguintes phrases: *Fulano conserva o uso da razão, Beltrano perdeu a razão*. Outras vezes significa justeza de apreciação, sabedoria de julgamento, como nas phrases: *este escriptor tem razão; esta theoria é cheia de razão*. A razão é ainda o contrario do instincto, a actividade reflectida do homem em opposição á instinctiva, como: *o homem é dotado de razão, o animal é desprovido d'ella*.

Finalmente *razão* é o vocabulo que designa a mais alta das faculdades intellectuaes, a que nos revela as idéias

universaes, necessarias e absolutas, e nesse sentido é que empregaremos nestas lições. Ella é o conjuncto das noções e das verdades que não derivam da experiencia nem das combinações da experiencia. A razão comprehende pois noções e verdades, isto é, idéias e juizos. A razão classifica-se em razão pratica e razão pura : *pratica* quando as verdades chamadas primeiras, ou primarias, que ella comprehende, dirigem a conducta moral, estabelecem as differenças entre o bem o mal ; *pura* quando aquellas verdades são principios directores da especulação scientifica, e por isso é tambem chamada *theorica* ou *especulativa*.

A razão pura comprehende : 1.º principios logicos, sem os quaes o pensamento não poderia exercer-se, os quaes são os principios de identidade e contradicção ; 2.º principios objectivos, sem os quaes a sciencia seria impossivel, — causalidade, substancia e ordem ; — 3.º a noção do Infinito.

O principio de identidade póde resumir-se no seguinte axioma : *O que é, é*. Significa isso que uma cousa é egual a si mesma emquanto subsistem as mesmas razões de ser.

O principio de contradicção deriva-se do de identidade e póde enunciar-se deste modo : *Uma cousa não póde ser senão aquillo que ella é*. Segundo Cousin esse principio é o eixo de toda a certeza. O principio de causalidade póde ser enunciado deste modo : *Tudo o que existe e principiou a existir tem ou teve causa*. O espirito humano não póde admittir solução de continuidade na ordem successiva dos phenomenos. O fim da sciencia, em ultima analyse, resume-se na pesquisa das causas dos factos. O principio de substancia póde enunciar-se por esta fórmula : — *Toda qualidade suppõe uma substancia* ou *tudo o que muda suppõe a existencia de alguma cousa que persiste e não muda*. O principio de ordem, que é em ultima analyse a inducção, póde enunciar-se assim : *A uniformidade de successão é a lei da Natureza* ou *As mesmas*

*causas produzem os mesmos effectos.* A noção de Infinito, considerada pelos philosophos espiritalistas uma noção metaphysica, foi pelo grande Pasteur declarada uma noção positiva. Na verdade a razão, á qual repugna admittir effecto sem causa, causas com principio e sem fim, não póde, no emtanto, conceder limites ao Universo.

Creemos ser esse o mais poderoso argumento em favor da existencia de uma razão suprema, fonte eterna da ordem universal, *por ser o unico de natureza positiva.*

Aos principios que acabamos de explicar podem juntar-se ainda outros, porém aquelles são os essenciaes e constituem por bem dizer as bases da razão pura.

## VIII

### Faculdades de conservação

As funcções mentaes de conservação são, como ja vimos, as que guardam os conhecimentos fornecidos pelos sentidos e pela consciencia, como tambem os que resultam das funcções ultteriores da intelligencia. São tres as principaes: *memoria*, *imaginação* e *associação*.

MEMORIA.—A memoria guarda e renova na consciencia os conhecimentos adquiridos pelas outras funcções do espirito e suppõe sempre a preexistencia da consciencia. Nada pôde existir na memoria que não tenha precedentemente existido na consciencia. Essa regra não tem, porém, o caracter de absolutismo que muitos ainda lhe dão; o que todavia não a enfraquece.

Muitos philosophos têm procurado a explicação dos phenomenos da memoria. Nenhuma das theorias formuladas, entretanto, a fornece clara e completa. Uma d'ellas pretende que as nossas percepções conscientes se conservem no espirito no estado de pensamentos insensiveis e inconscientes. D'essa fórmula seria a memoria, como dizia Platão, um grande pombal cujos moradores esperam que os venham despertar para abrir o vôo.

Essa theoria não pôde, porém, ser acceita porque não se podem comprehender percepções ao mesmo tempo conscientes e inconscientes e pensamentos que não são pensamentos.

A condição essencial dos factos psychologicos é serem conscientes. Supprimindo-se-lhes a consciencia, elles deixam de existir.

Mais accetivel é a explicação physiologica, segundo a qual as percepções e os conhecimentos, sensibilizando a massa encephalica, gravam nella traços, que mais tarde as reproduzem. O aparelho conhecido pelo nome de phonographo suggere materialmente a idéia do que seja a memoria segundo essa theoria.

A' objecção, apresentada contra ella, de que é difficil conceber a possibilidade material de alojar no cerebro quantidade enorme de traços distinctos ou signaes particulares correspondentes á enumeração dos innumeraveis conhecimentos accumulados, respondem os physiologistas ser infinita a complexidade da materia nervosa, e que o cerebro contém 600 milhões de cellulas, milhares de milhões de fibras.

Essa explicação mesmo, comquanto mais plausivel, não satisfaz completamente.

As qualidades necessarias a uma boa memoria são: *promptidão* em apprehender, *tenacidade* em reter, *facilidade* em restituir, em reproduzir. As condições physiologicas da memoria são dependentes da idade do individuo, do estado geral de sua saude e do particular de seu systema nervoso. As condições psychologicas são: a *vivacidade* das primeiras impressões, a *atenção* e a *repetição*.

Os principaes phenomenos da memoria são: a *lembrança* ou recordação e a *reminiscencia*. A lembrança ou recordação equivale a um reconhecimento de um facto ou pensamento ou expressão oral, ou a uma determinação de tempo e lugar; na reminiscencia apenas se encontra aquelle reconhecimento sem esta determinação. A memoria é de tal modo dependente de exercicio que sem elle se atrophia lentamente.

A memoria tem sido dividida em *reproductora* ou *imaginativa* e *creadora*, segundo reproduz as percepções e as imagens ou segundo as combina de uma maneira original.

Influem grandemente sobre a intensidade e a extensão da memoria a vontade e a attenção, fazendo com que a memoria espontanea se torne voluntaria.

Essa faculdade é susceptivel ainda de varias subdivisões, conforme seus diversos objectos. Assim é que alguns individuos possuem em mais alto gráu a memoria chronologica ou das datas, em outros predomina a memoria topographica ou dos lugares, e em outros a memoria abstracta, das idéias geraes e abstractas; finalmente ainda em alguns individuos predomina a memoria concreta ou dos objectos materiaes. A memoria, como todas as outras faculdade, obedece á influencia da idade, de modo que o individuo, á proporção que envelhece, vae perdendo o poder de colher, conservar novas percepções e mesmo de reproduzir as antigas. Pedagogicamente é a memoria uma das faculdades mais preciosas; porém exige o maior criterio no seu aproveitamento e direcção.

A *imaginação* é uma funcção complexa, que se apresenta sob diversas fórmas distinctas. Ora é uma funcção de conservação e se chama « memoria imaginativa » ou « imaginação representativa ». Ora é uma funcção de elaboração e se denomina « imaginação inventiva ou creadora », e por isso póde ser definida o poder de reter, combinar, reproduzir as imagens e transformal-as em idéias. Ella comprehende o mundo externo e o mundo interno, os objectos sensiveis e os phenomenos da consciencia. A imaginação creadora combina de maneiras novas as percepções conservadas e reproduzidas pela imaginação representativa. Quando essa faculdade dá nascimento a obras bellas e originaes chama-se *genio*, e tem o nome de *gosto* quando descobre e aprecia as bellezas das obras artisticas. O papel da imaginação é grande nas sciencias e nas industrias, suggerindo hypotheses e favorecendo invenções praticas, e é decisivo nas artes, permittindo reproduzir, interpretar e idealizar a natureza.

A par de tantas qualidades offerece a imaginação graves perigos como um ginete ardego e forte quando toma

o freio nos dentes. Por isso convém attenuar, refrear os estos da imaginação nas pessoas que as têm mui fogosa, porque ella as póde levar, afastando-as demasiado da realidade, a grandes decepções e profundos soffrimentos.

A *associação das idéias* rigorosamente não é uma funcção especial do espirito, mas uma de suas leis especiaes. Na successão de seus pensamentos e em geral em todo o seu estado de consciencia, o espirito obedece á lei da associação. Diz Compayré que em vez de associação das idéias, que é improprio, deve-se dizer « associação » ou « suggestão dos estados de consciencia, » porque os sentimentos se associam como as idéias. Compayré tem razão. Para alguns autores que como elle pensam, a associação é a funcção do espirito a que nos referimos chamando apenas *associação*, porque no espirito não são só as idéias que se associam umas com as outras, mas tambem as idéias com os sentimentos, os sentimentos entre si, as lembranças com as idéias ou os sentimentos, as percepções com umas e com outras, etc.

Exemplo de associação de idéias : — A idéia do movimento das rodas de um carro associa-se á do movimento das azas de um passaro pela comparação de sua velocidade. A idéia de um arbusto junta-se á de uma floresta.

Idéia com sentimento : — A idéia de dar uma esmola, *verbi-gratia*, associa-se ao sentimento de satisfação intima de ver com ella mitigado um soffrimento.

Lembrança com sentimento : — A recordação de um episodio da infancia associa-se á saudade d'essa quadra da vida.

Duas lembranças : — A recordação de uma arvore da casa paterna e a de alguma scena ou incidente passado junto d'ella.

A associação sob qualquer dessas fórmás póde multiplicar-se e constituir uma cadeia muito extensa. As idéias associam-se em virtude de principios accidentaes como a contiguidade no espaço, no tempo; a semelhança, o contraste, — ou em virtude de principios logicos como a causalidade, a relação do principio com a consequencia e a finalidade.

## Faculdades de elaboração

Passemos agora a examinar as faculdades de elaboração: *atenção, abstracção, comparação, generalisação, juízo, raciocínio, inducção, deducção e analogia*, comquanto as tres ultimas não sejam em rigor mais que desdobramentos do raciocínio.

ATTENÇÃO. — Rigorosamente não é uma das faculdades particulares da intelligencia, mas a condição fundamental do desenvolvimento de todas. E' ella que transforma o pensamento instinctivo em pensamento reflectido. As mais simples funcções intellectuaes, como a percepção externa, só attingem o maximo de sua força com o auxilio da attenção. E' ella que faz olhar e escutar, ver e ouvir. A attenção é, pois, a faculdade que nos permite tirar dos conhecimentos adquiridos o que nelles se contém de aproveitavel e de adquirir novos com a elaboração dos já adquiridos.

ABSTRACÇÃO. — E' a operação que nos permite considerar a parte separadamente do todo, separando o que na realidade não existe separado ou, como define Compayré, «a operação pela qual o espirito decompõe os elementos complexos da percepção, separando-os, considerando-os isolada e successivamente.» A abstracção tem por irmã gêmea a

generalisação: — toda idéia geral é abstracta. O objecto particular que percebemos é sempre concreto e complexo. Compreende varios elementos qualquer objecto particular. Uma rosa, por exemplo: sua cor é percebida ao mesmo tempo que sua fôrma e perfume. O nosso espirito entretanto tem o poder de considerar separadamente cada um d'esses elementos e de utilizar-se de um apenas. São abstracções preliminares, que, comparadas com outras analogas, como a forma, cor, perfume do jasmin, violeta, lyrio, rosa, etc., nos levam á concepção das idéias geraes de cor, forma, perfume, etc.

GENERALISAÇÃO. — E' a operação pela qual o espirito, approximando os elementos analogos e semelhantes, — que uma abstracção preliminar distinguiu e separou na realidade complexa, — classifica e distribue por categorias, generos e especies, quer os proprios elementos (idéias de côr, forma, odôr, etc.) quer os individuos nos quaes foram reconhecidos elementos semelhantes e analogos (idéias de humanidade, europeu, francez, etc.). A abstracção é a condição fundamental da generalisação; é distincta da attenção e opposta á imaginação. Toda idéia abstracta tende a tornar-se uma idéia geral; toda idéia geral é abstracta. As idéias geraes representam as relações das cousas, e sem ellas não existiria a sciencia.

COMPARAÇÃO. — E' a operação que determina as semelhanças ou dissemelhanças de duas pessoas ou de dois objectos entre si. Sobre ella assentam os nossos julgamentos; d'ella provém as noções de superioridade, inferioridade e igualdade, de melhor ou peor, de optimo e pessimo. O espirito é levado quasi sempre a comparar e, comparando, erra frequentemente.

JUIZO. — E' a faculdade de discernir, formar uma idéia acerca de um facto ou de um grupo de factos, de um phenomeno ou de uma série de phenomenos. E', finalmente, em uma expressão vulgar, o poder de julgar.

Em sentido psychologico é a operação intellectual de affirmar a existencia de um objecto ou relação de duas idéias ou de dois objectos. O julgamento pôde ser verdadeiro ou falso, estar em accordo ou em desaccordo com a verdade, pois tanto esta como o erro é um julgamento. A proposição é a expressão verbal do juizo. Os juizos são affirmativos ou negativos, geraes ou particulares, primitivos ou derivados.

RACIOCINIO. — E', como o juizo, uma operação distincta do espirito. Na actividade intellectual realisam-se tres operações essenciaes :

- 1.<sup>a</sup> conceber ou ter idéias ;
- 2.<sup>a</sup> julgar ou associar as concepções ;
- 3.<sup>a</sup> raciocinar ou ligar juizos .

O raciocinio é pois uma concatenação de juizos tão ligados que o ultimo appareça como conclusão legitima do primeiro. Assim como a proposição é a expressão verbal do juizo, o *sylogismo* é a expressão do raciocinio. Chama-se em logica *sylogismo* a um argumento formado de tres proposições, das quaes as duas primeiras são chamadas premissas e a ultima conclusão. Exemplo : — Todo homem é fallivel ; Pedro é homem, logo Pedro é fallivel.

Tres são as fórmas principaes do raciocinio: a *inducção*, a *deducção* e a *analogia*. A inducção consiste em passar do facto para a lei, das verdades particulares para as geraes, caminhando da parte para o todo, do menos para o mais. A deducção é o methodo inverso, opposto á inducção. Caminha do principio para a consequencia, das verdades geraes para as particulares. Nas sciencias predomina o methodo inductivo, que é a base da observação e da experimentação, devendo notar-se que nas sciencias chamadas exactas ou abstractas é o methodo deductivo que predomina. Toda a operação deductiva presuppõe uma anterior inversa — inductiva.

Em fundo a operação logica realisada com as duas apontadas formas de raciocinio é a mesma, embora pareçam provocar no espirito dois movimentos oppostos. Com effeito em toda indução ha uma verdade geral subentendida, fonte de todo raciocinio inductivo: — é a crença racional na ordem, na constancia, na uniformidade de successão dos phenomenos.

*Analogia.* Distingue-se da comparação em que só se leva em conta a semelhança ou dissemelhança entre os dois phenomenos. Exemplo: — As azas do passaro, os cascos do cavallo, as barbatanas do peixe, representam para esses animaes o movimento.

**Actividade voluntaria.**

Havendo estudado anteriormente o instincto e o habito, resta-nos estudar a terceira fórma da actividade, que é a *vontade*.

Actividade voluntaria ou vontade é o poder que temos de nos determinarmos, de fazer ou deixar de fazer alguma cousa, com reflexão e consciencia, espontanea e livremente.

Os caracteres especiaes da vontade são a reflexão e a liberdade.

Toda acção voluntaria suppõe, quando completa, os seguintes elementos : — 1.º a *concepção* ; — 2.º a *deliberação* ; — 3.º a *determinação* ; 4.º — a *execução*. E' na determinação que propriamente reside o acto voluntario. Quanto á execução, ella acompanha geralmente a volição, mas para que o acto voluntario se complete não é preciso que seja totalmente executado, bastará que a intenção tenha encontrado o esforço para ser executada. A vontade é a faculdade mais importante do homem, por ser a que constitue a sua personalidade. Propriamente distingue o homem dos outros animaes, e lhe forma o character,— que é o conjuncto das qualidades moraes com que o homem se manifesta e dirige nas suas relações domesticas e sociaes, como filho e chefe de

familia e como cidadão. Devemos definir a *liberdade*, apesar da ambiguidade que lhe encontra Leibnitz. A palavra liberdade, desacompanhada de qualquer qualificativo, nós a empregamos referindo-nos sempre á liberdade moral, e nesse sentido é synonyma de livre arbitrio, que se póde definir como sendo a faculdade, o poder de determinar-se voluntariamente, agir de um modo previamente escolhido.

Sobre essa questão têm-se travado ha seculos lutas philosophicas renhidas, dando lugar á fundação de varias escolas.

De um lado agrupam-se os que sustentam o principio do livre arbitrio, affirmando que o homem age livremente, com perfeita independencia e, portanto é responsavel por suas boas ou más acções; do outro lado agrupam-se os que sustentam o principio contrario,—os fatalistas, e os deterministas. Os primeiros, isto é, os fatalistas, attribuem todos os actos humanos á influencia irresistivel de uma força occulta e suprema chamada destino, fatalidade, acaso ou Deus; os segundos, isto é, os deterministas, os attribuem ao poder de forças naturaes, indefectiveis, que se reduzem a leis scientificas.

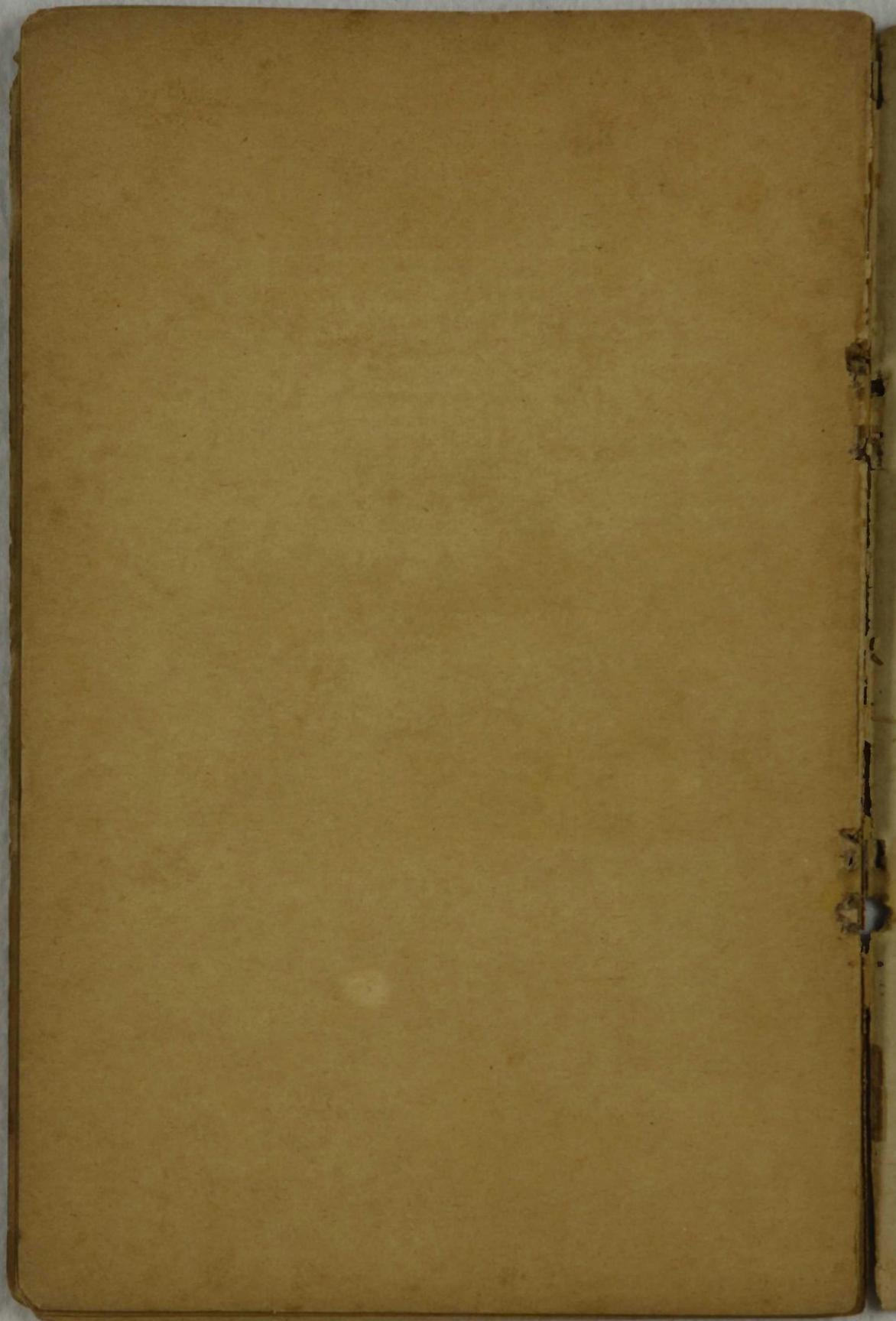
Uns e outros negam a liberdade. Comquanto não posamos repellir por erronea a doutrina dos deterministas, só com grandes restricções poderemos admittil-a, porque o contrario seria proclamar a irresponsabilidade do ser humano, negando razão de existencia aos codigos, a todas as leis que regulam a pratica dos actos, classificando-os em licitos e illicitos, distribuindo premios e inflingindo castigos.

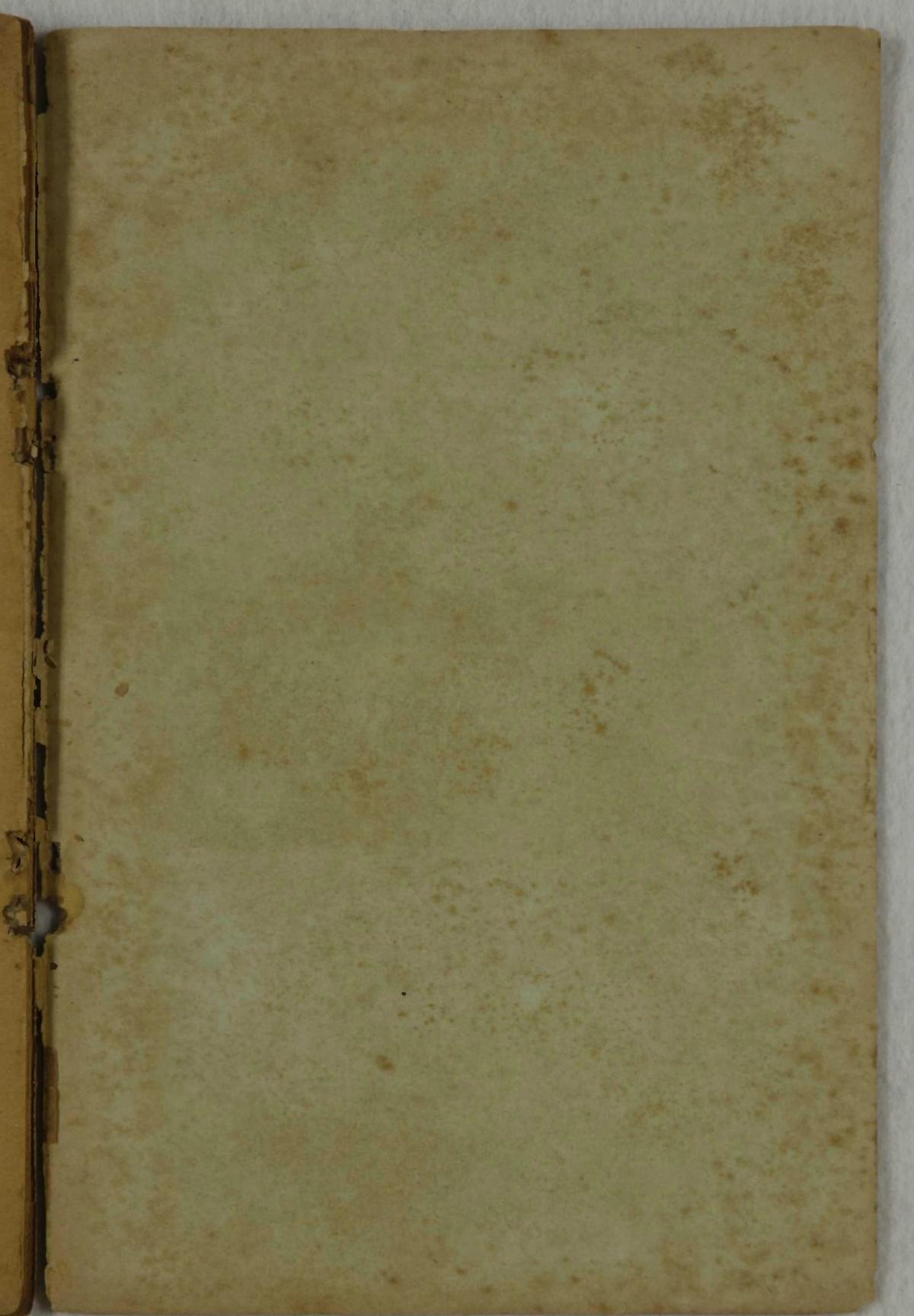
Importantissimo é o papel da vontade na educação. O educador deve ter sempre em vista a necessidade de fazer da creança um ser racional, consciente e autonomo. O aphorismo pedagogico antigo: «Creança não tem vontade» está provado que envolve um erro grosseiro e pernicioso. A creança não deve ter *vontades*, mas sim vontade; deve

querer, devemos ensinal-a a « saber querer », a determinar-se, a escolher e a esforçar-se por executar ou conseguir o que escolheu ou determinou. Um homem sem vontade é um infeliz automato, um juguete da vontade alheia e das forças naturaes. Querer é poder; affirma um brocardo popular. E é verdade. Desde que se não queiram cousas inacessiveis ou irrealisaveis, por serem superiores ás forças humanas, ou extra-naturaes, querer firmemente, tenazmente e incessantemente o mesmo é que poder, salvo impossibilidade material imprevista.

Recommendo muito a leitura da celebre obra de Samuel Smiles — « O poder da vontade. » E' uma leitura sadia, retemperante, tonica, salutarissima. Educar a vontade é talvez mais necessario ainda que educar a intelligencia, porque esta sem aquella é como uma espada de aço fino na mão de um cadaver, ou um cofre repleto de gemmas preciosas... enterrado no solo ou no fundo do mar.

FIM DA PRIMEIRA PARTE





# LAEMMERT & C.

EDITORES

RIO DE JANEIRO — S. PAULO — RECIFE

## NOVAS PUBLICAÇÕES

### INNOCENCIA

Mimoso romance pelo VISCONDE DE TAUNAY, 3.<sup>o</sup>  
edição, primorosamente impressa, 1 volume bro-  
chado, 4\$000, encadernado com percalina ingleza... 6\$000



### FLOR DE SANGUE

Romance brasileiro, por VALENTIM MAGALHÃES,  
1 grosso volume com capa illustrada por Julião Machado 5\$000



### GONÇALVES DIAS

POESIAS—Nova edição completa, expurgada de  
erros e transposições, que se encontravam nas  
edições anteriores.—Ornada com o retrato do  
autor—2 volumes brochados 4\$000, encadernados 6\$000



### CASIMIRO DE ABREU

Obras completas. Edição igual á precedente, 1 volume  
brochado, 2\$000; encadernado..... 3\$000



### QUESTÕES DE ARTE

Artigos de litteratura e critica por CARLO PALA-  
GRECO, 1 volume brochado..... 2\$000



S. PAULO | RECIFE  
25, Rua do Commercio, 25 | 4, Rua Marquez de Olinda, 4

RIO DE JANEIRO  
66 — RUA DO OUVIDOR — 66